

Histéricas, históricas, tóricas e teóricas (ou a linguagem do sintoma na histeria)

Por Marcelo Mazzuca

Não foi causalidade que um sonho tenha aberto o caminho para o desejo inconsciente, permitindo Freud tomar a via da análise. Esse “sonho inaugural”, o da Injeção de Irma, acompanha outras formações do inconsciente de Freud, entre elas, “o lapso original”¹, o esquecimento do nome do pintor dos famosos afrescos de Orvieto. Essas foram as portas de entrada para o desejo de Freud, e, posteriormente, nosso. Mas no que diz respeito ao sintoma inaugural, não foi Freud que contribuiu com o seu, e, sim, aquelas “admiráveis teóricas a quem se chama histéricas”², Àquelas histéricas, históricas, tóricas, mas também teóricas. Freud as fez de parceiras, suas parceiras não rigorosamente falando “elas”, mas seus sintomas. É por isso que a “clínica da histeria” não é só a de um tipo clínico, constitui também a linguagem da clínica psicanalítica.

Nesse sentido, o que a histérica ensina primeiro é que seu sintoma une o corpo com a palavra e adquire então um valor de símbolo. O sintoma é “nó de signos” que podem ser decifrados, disse Lacan³, e *por* este sintoma, *neste* sintoma e *com* este sintoma que a histérica sustenta um laço social. Freud o expressa claramente ao se ocupar do exame analítico das paralisias histéricas, quando seleciona exemplos tomados da vida social (a mão do súdito que tocou no corpo do rei, o copo que se quebra em nome da honra dos recém casados, etc)⁴. A relação da histérica com o Mestre, que Lacan localizou com maior grau de formalização muitos anos depois, já estava ali na ordem do dia, mostrando até que ponto a subjetividade da histérica é eminentemente histórica.

O sintoma não diz somente de um laço social (o súdito é súdito por sua relação com o rei), mas um laço filial, já que a histérica é também tórica, segundo Lacan⁵, porque se apoia na armadura do amor de seu pai. Por exemplo, o caso de Elisabeth Von R., quem retira da conversão associativa a parte do seu corpo afetada por desejo e o corpo enfermo de seu pai idealizado (a coxa da sua

¹ Lacan, J. (1958-59) *El Seminario 5: Las formaciones del inconsciente*, Buenos Aires, Paidós, 1992, clase del 13 de noviembre de 1957, p. 39.

² Lacan, J. (1960) “Reseña con interpolaciones del Seminario de la ética” en *Reseñas de enseñanza*, Buenos Aires, Manantial, 1988, p. 7.

³ Lacan, J. (1973) “Introducción al primer volumen de la edición alemana de los escritos” en *Otros Escritos*, Buenos Aires, Paidós, 2012, p. 583.

⁴ Freud, S. (1893) “Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas” en *Obras completas*, Vol. I, Buenos Aires, Amorrortu, 1993, p. 208.

⁵ Lacan, J. (1976-77) “*L’insu que sait de l’une-bevue s’aile à mourre*”, inédito, clase del 14 de diciembre de 1976.

perna direita), detendo a marcha do seu próprio desejo na vida⁶.

Ao mesmo tempo, o sintoma é também ruptura de um vínculo que pertence ao amor. É assim que a paralisia de Elisabeth não só implica uma eleição pelo amor do pai, como também, que é em si mesmo uma tomada de posição a respeito do “problema sexual”⁷ e do desejo que ali está em jogo: coloca-a na significação fálica em uma posição viril e a deixa de fora da sua relação amorosa com o homem de suas fantasias. Esta presença do desejo do Outro no sintoma histérico, com o consquente laço social e discurso que supõe, é o faz apto para ser analisado.

Todavia, o campo do analisável requerer, ademais, uma participação do corpo que permanece numa certa relação de opacidade a respeito do desejo. Trata-se do corpo sexual, aquele através do qual poderia unir o próprio gozo sexual com o do parceiro sexual. Ao menos para o caso do sintoma histérico, e das fantasias que o sustentam, é uma dimensão do corpo que se apresenta como extraviado ou perdido desde a constituição mesma do laço com o Outro. Neste sentido, comprovamos que a histérica rejeita com seu corpo a chamada para ser objeto do gozo sexual do outro.

Agora bem, esse objeto simbólico que a histérica empunha com “sua” mão paralizada (copo, armas, mulher ou cavalo), não só designa a relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro (paterno e sexual), mas também a ponta significante que serve de pista para poder esclarecer o discurso inconsciente que o suporta. E é por isso que Lacan pôde afirmar: “Chamo sintoma o que é analisável”⁸. O sintoma é, então, em si mesmo, o campo do analisável. E isso quer dizer, nos seus fundamentos freudianos, que é suscetível de se decompor em elementos últimos, mas também que esses elementos indissociáveis são de natureza sexual e pulsional: são eles mesmos, os Mestres (pai, rei, chefe, líder, etc) que governam o gozo⁹.

Os exemplos em Freud sobram, e desde seus primeiros tratamentos de psicoterapia, *Stehen e alleinstehen** (para o caso de Elisabeth von R.), *catarro* (para o caso Dora) o *ratten, heiratten y spielratten*** (para o caso do Homem dos ratos), e inclusive Hans, cuja história de histeria de angústia serve a Freud e em seguida a Lacan como modelo de estudo sobre o modo como se constitui o sintoma como nó (imaginário, simbólico e real).

O ponto importante para nós, aqueles que seguem Lacan, que temos que conservar, “é que

⁶ Freud, S. (1893) *Estudios sobre la histeria* en *Obras completas*, Vol. II, *op. cit.*, p. 151.

* Na tradução, preferiu-se manter as expressões em alemão. Podem ser traduzidas como *Ficar de pé* e *Ficar sozinha*.

** Do mesmo modo, ratos, casamento e jogador.

⁷ Freud, S. (1905) *Tres ensayos para una teoría sexual* en *Obras completas*, Vol. VII, *op. cit.*, p. 149.

⁸ *Ibid.*, p. 332.

⁹ Freud, S. (1919) “Nuevos caminos de la terapia analítica” en *Obras completas*, Vol. XVII, *op. cit.*, p. 155.

no sintoma tem sempre a indicação que é uma questão de saber.”¹⁰ É o que Freud costumava denominar “expressão efetiva do sintoma”; para o caso de Hans: “o cavalo me morderá”¹¹ . Acrescentemos, somente, que a “expressão efetiva” não é necessariamente uma “expressão efetuada”. Por isso, para que o campo do potencialmente analisável se converta em trabalho analisante se requer a participação do analista e da sua escuta ativa e interrogativa.

Concluamos abrindo o jogo com algumas perguntas: o que ocorre quando a análise da expressão efetiva do sintoma dá seus frutos? Trata-se simplesmente do deciframento do sintoma e da ampliação do campo de saber do analisante? Os caminhos da análise são só epistêmicos? O que sucede na análise com a satisfação do sintoma? Convém então recordar que o sintoma é em essência gozo¹², atividade sexual dos doentes¹³ e que é nesta direção que nos conduz a linguagem do sintoma na histeria.

Tradução: Esther Mikowski

¹⁰ Lacan, J (1965-6) Seminario 12, inédito, clase 14, del 5 de mayo de 1965.

¹¹ Freud, S (1893) “Inhibición, síntoma y angustia”, en *Obras Completas*, AE, tomo XX, Buenos Aires, 1993, capítulo 4, p. 97.

¹² Lacan, J. (1962-63) *El seminario 10: La angustia*, Buenos Aires, Paidós, 2004, p. 139.

¹³ Freud, S. (1905) *Tres ensayos para una teoría sexual* en *Obras completas*, Vol. VII, *op. cit.*, p. 148.